



OS MOTINS EM FRANÇA

José Trindade

dos mais jovens para falar com eles, para dissuadi-los de passar à acção. Durante a noite, fico a saber que largaram fogo à garagem de polícia de Montfermeil e que as forças da ordem tinham procedido a algumas detenções. Os confrontamentos tinham sido evitados.

Antoine Germa é professor de História-geografia em Clichy-sous-Bois.

O INICIO DOS MOTINS

A história começou nos fins de Outubro, num dos mais pobres subúrbios parisienses, Clichy-sous-Bois, quando um grupo de cerca de uma dezena de jovens, todos descendentes de emigrantes, que jogavam à bola, foi interpelado pela polícia que, alegadamente, queria documentos (uma forma de assédio policial comum na França: chega-se ao pé de alguém com ar de estrangeiro, e pede-se-lhe a papelada com mais ou menos brutalidade). Conhecendo muito bem as práticas da polícia, e querendo evitar uma situação potencialmente perigosa, o grupo fugiu, sendo perseguido até uma estação de alta tensão. Foi aí que três deles foram electrocutados. Duas das vítimas, Zyad Benna, de 17 anos, e Bouna Traor, de 15, morreram, e um terceiro, Metin, de 21 anos, ficou gravemente queimado.

O CONTEXTO SOCIAL DA VIOLENCIA URBANA

Estes acontecimentos têm por plano de fundo um racismo que permeia todas as camadas da sociedade francesa, desde os comentadores televisivos que fazem a apologia das atrocidades praticadas pelos americanos em Abu Grahib e Guantanamo porque “é a única linguagem que aqueles árabes entendem”, até ao polícia de rua, que se sente com carta branca para praticar – e pratica mesmo - todo o género de abusos sobre os emigrantes, só sendo punidos, e de forma ligeira, aqueles casos que pura e simplesmente levantaram demasiado burburinho para poderem passar despercebidos.

Segundo o jornal Le Monde, só no ano de 2004 registou-se um aumento de 18.5 por cento nas queixas por violência policial em França, o que sem dúvida não deixa de estar ligado às políticas de “Tolerância Zero” implementadas nos últimos anos pelo Ministro do Interior Nicolás Sarkozy, à imagem do que fazem os seus congéneres da América no Norte, onde, apesar da luta levada a

cabo pelo Movimento dos Direitos Cívicos dos anos sessenta (cujos líderes, aliás, acabaram assassinados), o racismo, buscando as suas raízes profundas numa sociedade extremamente desigual, fundada pela escravatura e pelo genocídio, onde as divisões de classe quase podem ser identificadas com as divisões étnicas, continua uma instituição tão enraizada na cultura americana quanto o são o obscurantismo religioso, as seitas fundamentalistas, a pena de morte, o puritanismo e o darwinismo social, as outras faces complementares da mesma moeda. Os latinos e os afro-americanos têm naquele país mais hipóteses de irem para a prisão do que para a universidade, e constituem, por incapacidade de encontrar empregos noutros lugares, a principal reserva de carne para canhão do exercito americano, mantendo com o próprio sangue um sistema que está na raiz de todos os seus problemas.

As sociedades europeias estão agora a passar por um acelerado e já inocultável processo de americanização. As políticas neoliberais vão desmantelando progressivamente todas as conquistas sociais que os trabalhadores lograram conquistar neste lado do atlântico, e o trabalho de emigrantes vindos dos países da periferia (as primeiras vítimas do neoliberalismo), que acorrem à Europa ocidental da mesma forma que os europeus do século 19 atravessaram o Atlântico, fugindo das fábricas da miséria em busca de uma vida melhor na América, é utilizado como forma de agredir de forma indirecta os trabalhadores europeus, forçando a uma nivelção por baixo entre estes e os seus colegas africanos, latino-americanos, asiáticos e da Ex-URSS, acelerando o processo de regressão do capitalismo até às formas oitocentistas de exploração. Formas essas que ele, aliás, nunca abandonou completamente.

E quanto ao pesadelo americano, propriamente dito? O que lhe reserva o futuro? Esse modelo de sociedade, a sociedade que a burguesia mundial idolatra e deseja emular, o lugar onde o poder do capital se exerce sem máscara, por meio de uma plutocracia transparente, onde os multimilionários exercem pessoalmente o poder político, e não por interposta pessoa, através de advogados, gestores e engenheiros provenientes da classe média, a sociedade burguesa por excelência, mais podre e decadente a cada dia que passa, está a passar actualmente por uma nova etapa na sua

emoção palpável e as exigências precisas: um inquérito judicial e desculpas oficiais. A igualdade de tratamento entre os diferentes cultos está no centro das reivindicações.

O Sr. Brouhout, presidente de mesquita, pessoa próxima do UMP [Union pour un Mouvement Populaire: o partido de direita gaullista a que pertence o ministro Sarkozy] tornou-se mesmo ameaçante quanto à sua capacidade de pacificar os espíritos. O irmão mais velho de Bouna, falado para a imprensa, anuncia que se recusa a encontrar-se com Sarkozy, julgado “incompetente”, e pede, juntamente com a família de Ziad, uma reunião com o Primeiro-ministro. Todos pedem que a polícia abandone o bairro, condição necessária para encontrar um pouco de calma e pacificar a situação.

Ao redor desta entrevista colectiva, os militantes associativos realçam as causas socio-económicas por detrás destes eventos, ocultadas com demasiada frequência. Clichy é uma das comunas mais pobres da França e as associações têm cada vez menos dinheiro com que trabalhar. O ambiente é tenso à saída da mesquita: os jovens juntam-se em torno do lugar de culto. As mulheres contam aquilo que viram e sofreram: no centro de todos os testemunhos nota-se a cólera contra a polícia, que multiplica as intervenções “musculadas”, em desprezo do bom senso e, frequentemente, da lei: e contra as autoridades ministeriais que não condenaram o ataque de gás contra a mesquita de domingo à noite. As autoridades religiosas, visivelmente abaladas e esmorecidas pelo que aconteceu ontem à noite, retomam pouco a pouco o controle da situação. Toda a gente espera pela noite com apreensão.

Às 19 horas, representantes da mesquita e da prefeitura alcançaram um acordo: alguns jovens são designados como mediadores para acalmar os mais enervados e prevenir eventuais confrontos com a polícia. Esta não é uma ideia nova: alguns jovens já tinham sugerido o mesmo este sábado, mas a Câmara não mostrou interesse. Será que eles se sentem impotentes para encontrar uma solução para o conflito? O método “duro”, que provou a sua ineficácia e a sua iniquidade, encontrou finalmente os seus limites?

23h30: a polícia e os jovens brincam ao gato e ao rato, mas a situação parece sob controlo. No terreno, os mediadores desempenham um papel essencial, dizem-me: eles vão ao encontro

são incendiados: as posições ficam ainda mais radicais desde que as forças da ordem negaram o uso de gás lacrimogéneo na mesquita. O modelo de granada usado contra os fiéis da mesquita não corresponderia ao que a polícia usa. Doravante, há dois casos: as mortes dos adolescentes e o ataque na mesquita.

É nesta altura que Sarkozy aparece na televisão defendendo e justificando as acções da polícia em Clichy, uma vez mais invocando a «tolerância zero»: numa mão, o punho de ferro, na outra... nada, à parte da mão invisível do mercado.

5 - Segunda-feira pela manhã: o humor está tenso. Às 11 horas, Sarkozy reúne-se na perfeitura com as forças da ordem: dá-lhes os parabéns dele e promete apoio. A versão oficial sobre o ataque com gás na mesquita sofre uma alteração durante noite. O modelo de granada usado realmente corresponderia ao usado pelas forças da ordem, mas a dúvida persiste: quem teria lançado essas granadas na mesquita? Uma vez mais, a versão oficial não parece corresponder em nada com a verdade.

Às 13 horas, eu vou a Chene Pontu para ver o telejornal com um Iman e a sua família: o tratamento mediático destes eventos está no centro do ressentimento sentido por muitos desde o princípio dos motins. A impressão que domina todas as discussões aqui é que os media não passam de correias de transmissão [relais] das instituições oficiais, espalhando mentiras e, acima de tudo, ajudando a criar o estigma de que se sentem vítimas os habitantes destes bairros populares.

Portanto, o tom muda: a imprensa e os canais de televisão fazem-se mais críticos. Eles começam a questionar a versão oficial sobre a morte dos dois jovens e o ataque com gás á mesquita é posta em causa, ou pelo menos interrogada.

Às 14 horas, há uma conferência de imprensa na mesquita de Bousquets. Um vídeo do ataque feito a partir da câmara de um telemóvel serviu de prova. Ele é projectado frente a numerosos repórteres: ele mostra o pânico que tomou os fiéis durante o gazeamento.

Depois, os responsáveis tomaram a palavra. O tom é firme, a

decomposição económica e social, com a eleição para presidente de um fanático religioso alucinado, oriundo da plutocracia e ao seu serviço, envolta em toda uma atmosfera de *putch* consentido. A isso juntam-se as falências sucessivas de mega-empresas capitalistas e o downsizing de muitas outras, como a Ford e a General Motors, acompanhadas por despedimentos em massa.

Os afro-americanos foram, aliás, os que se opuseram com mais veemência à eleição de Bush. Com este grupo social tende a votar mais à esquerda, o sistema serve-se de todo o género de manobras para os silenciar, incluindo o uso de máquinas para contagem de votos defeituosas, (nos EUA os votos são todos inseridos e contados electronicamente) com maior propensão para anular o voto, nos distritos mais pobres, ou então de tirar o direito de voto a todo aquele que tenha cumprido uma pena de prisão, enquanto se baixa cada vez mais a fasquia dos crimes que dão direito ao encarceramento. Uma forma original para acabar com o sufrágio universal de forma encapotada! A doce “Terra da liberdade” tem agora a maior taxa de encarceramento do planeta, que ainda continua a subir, e isto enquanto a taxa de criminalidade se mantém inalterada. Será porque lá as prisões também se tornaram um negócio rendoso, com direito até à quotização na bolsa? Será porque o capitalismo selvagem americano não sabe que mais há-de fazer com os desempregados?

Voltemos à França: Como em tantos outros lugares, também os patrões franceses discriminam os candidatos a um a emprego de acordo com a cor da pele, fazendo com que os descendentes dos emigrantes argelinos e africanos tenham muito mais dificuldade em obter um emprego do que o francês comum. As taxas de desemprego nos subúrbios pobres das grandes cidades francesas atingem os 30 ou mesmo os 50 por cento, em contraste com os 10 por cento da média nacional, e isto não se limita simplesmente aos mais pobres, ainda que eles sejam os que mais sofrem com isto: a taxa de desemprego entre os licenciados franceses é de 5 por cento mas, se contarmos só os licenciados de origem africana e argelina, ela sobe mais de cinco vezes, para 26,5 por cento. Isto é o racismo em acção, atacando em todos os andares do edificio social sem distinção, mas tendo sempre consequências mais graves nos andares de baixo.

Sendo a franja mais oprimida e miserável da população, as minorias étnicas dentro dos países capitalistas sofrem há mais tempo os efeitos sociais da crise e das políticas neoliberais levadas a cabo em todos os países industrializados, e sofrem-nos com maior intensidade do que todos os outros. Elas foram simplesmente as primeiras a acusar o golpe. Um pouco antes destes motins, estavam a ocorrer motins raciais em Birmingham, havendo rixas entre os emigrantes paquistaneses e caribenhos. Também já se tinham registado anteriormente confrontos na Dinamarca e na Holanda.

Um artigo no indymedia enumerava os seguintes motins urbanos nas últimas décadas:

- Watts, subúrbios de Los Angeles, em 1965, durante o período de expansionismo económico norte-americano. A causa imediata foi a morte de um negro de 21 anos e que originou 10 dias de tumultos com 34 mortes.

-Soweto, África do Sul, em 1976, em pleno período de apartheid sul-africano. A causa imediata foi a decisão governamental de obrigar os jovens negros a estudar o afrikaan, a língua da minoria branca. Nos tumultos desencadeados a polícia mata uma criança de 13 anos e morrem 23 pessoas.

-Brixton, Grã-Bretanha, em 1981, durante o governo de Thatcher, por motivo da política governamental contra as minorias antilhesa e indiana que reivindicavam sair da situação de pobreza em que viviam. Durante os tumultos morreram 9 pessoas e outras 50 ficaram feridas.

-South Central, um bairro pobre de Los Angeles, em 1992, por motivo de um espancamento de polícias a um motorista negro, filmado por um vídeo amador que provocou uma revolta generalizada ao grito «Não pode haver paz sem justiça» e de que resultará em 55

Ao fim de uma hora, alguns jovens saem para a rua e juntam-se em frente à polícia: todos esperam pelo começo dos confrontos. Que sentido dar a esta estratégia policial á parte daquele que consiste em querer “marcar o seu território”, que é como quem diz, aplicar uma versão animal e musculada do “regresso á ordem republicana”? Diversos testemunhos e gravações em vídeo mostram igualmente, de maneira indiscutível, que a polícia quis provocar os jovens para a violência (insultos racistas, desafiando-os a lutar, bravatas...).

Eu fui para a mesquita de Bousquets às 21 horas: ela estava a rebentar pelas costuras de tão cheia (cerca de 1200 a 1300 pessoas), porque hoje era a Noite de Destino, que os fiéis passam tradicionalmente na mesquita. Vários carros e caixotes do lixo já tinham sido queimados, e os jovens vieram buscar refúgio neste santuário no meio do bairro. Não obstante, reinava um ambiente de contemplação solene, e desde o princípio que os Imans tiveram um papel importante na pacificação.

De qualquer maneira, e apesar das provocações policiais, os afrontamentos pareciam ser menos violentos na noite de sábado. Será isto devido aos apelos à calma que tinham sido feitos desde a manhã? Seria isto devido à importância ritual da Noite de Destino neste período do Ramadão?

4 - No domingo à noite, em jeito de testemunho, eu recebo um telefonema enfurecido e desesperado de Ibrahim, o filho de um Iman: eram 22:55 quando a polícia veio, durante a oração, atacar com gás a mesquita de Bousquets. Algumas mulheres - que estavam na área da mesquita reservada para elas - quase desmaiaram, dizia-me ele. E enquanto elas saíam da mesquita, as forças da ordem insultavam-nas: “puta, porca...”, continuava ele. Tentar falar com a polícia provou-se inútil, e aos que ousaram tentar era-lhes respondido “*degage*” [“baza ”], e arriscavam-se ainda a serem feridos com uma *flashball*. O Ibrahim pede-me para testemunhar, mas eu não estou em Clichy nesta altura.

Esta notícia parece incrível. Como podem eles atacar um lugar de culto? Porquê gasear a mesquita quando as autoridades religiosas são as únicas, juntamente com o Presidente da Câmara, capazes de acalmar a situação? Desde de então, o braseiro ameaça ficar mais rubro do que nunca, os afrontamentos recomeçam, e mais carros

na Sexta-feira (com pessoas lançando pedras, bombas incendiárias e disparando contra os carros de polícia e da CRS) Isto aconteceu nas grandes avenidas que atravessam o bairro de Chene Pointu (perto de Pama). Muitos carros foram incendiados e as suas carcaças queimadas ainda juncavam as ruas no Sábado de manhã.

No Sábado pela manhã, houve uma marcha silenciosa organizada por associações religiosas e pelas mesquitas. Era a hora dos apelos para a calma. Os olhos voltaram-se para a justiça e não se pouparam críticas ao Ministro de Segurança Pública Nicolás Sarkozy. As instituições muçulmanas, os responsáveis da Câmara Municipal [mairie] e os militantes associativos estavam visivelmente unidos, e pareciam ter a situação sob controlo. Podia-se contar um pouco mais do que mil participantes. Visivelmente cansado e emotivo, o Presidente da Câmara [maire] Socialista de Clichy, Claude Dilain que parece desfrutar do real apoio da população de Clichy, inclusive os jovens, fez um pedido oficial a Sarkozy para abrir uma investigação sobre as mortes dos dois adolescentes. Por seu lado, o advogado das famílias das vítimas, á saída de uma reunião que teve lugar na prefeitura [traduziu-se *prefecture* como prefeitura - a sede da polícia; em francês, câmara municipal diz-se *mairie*] após a marcha, anunciou que iria apresentar uma queixa por não assistência a pessoas em perigo [contra a polícia], para que se esclarecessem as circunstâncias nas quais os jovens morreram. Tudo continuou calmo naquele dia e a polícia não foi vista em parte alguma.

Na noite de sábado, quando o jejum [do Ramadão] foi quebrado (por volta das 18:30), 400 gendarmes e agentes da CRS, incluindo alguns vindos de Chalon-sou-Saone , apareceram no bairro e espalharam-se por toda a parte. Como de costume, tratava-se de cercar, “de fechar” o bairro. Um quixotismo policial: em filas cerradas, á moda dos legionários romanos, em passo de corrida, viseiras baixadas, escudo no braço e *flashball* na mão, eles percorreram as ruas uma a uma [lutando] contra inimigos invisíveis. A esta hora toda a gente está a comer e ninguém sai para a rua. Porquê uma tal demonstração de força quando as ruas estavam particularmente calmas? “Provocação policial” respondem em unísono todos os habitantes a quem eu perguntei. Este tem sido um tema recorrente [leitmotiv] desde sexta-feira à noite.

mortos e 2.000 feridos.

São situações pontuais que originam os motins, mas por detrás destas escondem-se causas estruturais, como a exclusão social, o racismo, a discriminação, a perda de qualidade de vida e a pobreza. O mato está seco; uma fagulha incendeia-o. O caso americano é novamente digno de interesse: nos Estados Unidos, a ofensiva neoliberal, já data dos tempos de Reagan, há 20 anos, e tem atrás de si todo um contexto de segregação racial e pobreza crónica afligindo há já longa data os afro-americanos e os emigrantes latinos. Para aí também caminhamos, e já podem ser observados movimentos xenófobos a emergir por toda a Europa. O que aconteceu nos EUA depois da passagem do furacão Katrina só contribuiu para agravar a situação, expondo-a a nu perante olhos espantados de um mundo que se tinha habituado a olhar para aquele país como sendo a “Terra da Abundância”.

Os habitantes mais pobres de Nova Orleães, sobretudo afro-americanos, incapazes de abandonarem a cidade pelos seus próprios meios, foram literalmente abandonados para morrerem aquando da passagem do furacão. A cidade foi cercada posteriormente pelos militares e funcionários do governo, com todas as saídas barradas aos habitantes, deixados sem qualquer forma de auxílio durante os primeiros 4 dias após a catástrofe. Toda a forma de auxílio vinda do exterior foi inclusive barrada de entrar na cidade, e mesmo as linhas de comunicação de emergência com o exterior foram cortadas pelos militares, que tratavam a cidade devastada como se fosse uma zona inimiga a tomar de assalto. Flutuavam cadáveres por entre as ruas inundadas, e os sobreviventes sofriam de fome e de sede. É natural que, no meio daquela situação aflitiva, as pessoas tivessem começado a procurar mantimentos onde quer que os pudessem encontrar. É perfeitamente compreensível que os produtos de primeira necessidade que se encontravam nas lojas e supermercados tenham sido levados por pessoas famintas. Em muitos casos, os próprios empregados das lojas abriram-nas, com o conhecimento e compreensão da própria polícia, oferecendo as mercadorias que se encontravam dentro delas, para que as pessoas pudessem levar aquilo de que necessitavam.

As alegadas pilhagens incidiram sobretudo sobre artigos como comida, água, e fraldas, um pequeno detalhe ao qual os repórteres fizeram vista grossa, começando a ventilar histórias sobre alegados bandos armados que roubavam e destruíam tudo, não se coibindo mesmo de disparar sobre os helicópteros que vinham candidamente para salva-los. Essas histórias revelaram-se totalmente falsas, mas que serviram de justificação para o que o estado americano éz a seguir: 65 mil militares armados bateram a cidade rua a rua para expulsar os residentes, que foram em seguida dispersados pelo país. Essas pessoas, agora sem casa e sem trabalho, jamais regressarão à sua terra natal, visto que os planos de reconstrução anunciados pelo estado só contemplam as áreas ricas da cidade, não tendo sido poucos os que inclusive se congratularam pelo facto das bolsas de pobreza terem sido “limpas” pelo furacão.

De novo em França: a contestação social abrange toda a classe trabalhadora francesa, e a França tem sido sacudida este ano por inúmeras greves e protestos. A recusa em referendo da Constituição Europeia, constituição essa que se tratava sobretudo de uma forma de os governos europeus introduzirem medidas neoliberais bastante agressivas para os interesses dos trabalhadores sem terem que os enfrentar directamente, deixou o capital pensativo. Mesmo os comentadores televisivos americanos não deixaram de lhe prestar atenção, e mostraram ter compreendido muito bem o que se passou: a França insistia em manter um modelo social “pouco competitivo”, e os preguiçosos dos seus trabalhadores insistiam em manter teimosamente as suas 35 horas semanais. A burguesia compreendeu que, ainda que a democracia parlamentar apresente uma certa capacidade de adaptação para conseguir absorver a contestação ao sistema, canalizando-a para a arena politica, onde poderá ser posteriormente neutralizada com o precioso auxilio dos partidos de esquerda, é uma forma de domínio com limitações evidentes numa altura em que o abaixamento brutal do salário dos trabalhadores europeus e americanos é a única forma do pequeno e médio capital europeu e americano conseguir competir com o grande capital transnacional, que explora a mão de obra muito mais barata dos países do terceiro mundo, e que formas mais autoritárias de domínio deverão ser empregues no futuro para fazer impor a sua vontade sobre os trabalhadores.

UM TESTEMUNHO EM RESPOSTA A UMA SÉRIE DE MENTIRAS

Antoine Germa

Eu estive intermitentemente em Clichy desde o sábado pela manhã, trabalhando com um repórter da France-Inter numa série de reportagens sobre a situação em Clichy-sous-Bois. A cidade esteve “em chamas” da noite de quinta-feira 27 de Outubro até à noite de segunda-feira 30 de Outubro. Eu estou a escrever o que eu vi, ouviu, compreendi, e me foi contado.

1 - Dois adolescentes mortos (Zyad e Bounna, 17 e 15 anos de idade, do Colégio Nº 3) parecem ter sido realmente perseguidos pela polícia, ao contrário da versão oficial que negou que tenha havido alguma perseguição (a versão de Sarkozy/Parquet). Por que outro motivo teriam eles fugido para um beco e escalado aquele muro para se esconder num transformador da EDF, quando o seu bairro não se encontrava longe do local da tragédia?

2 - Os jovens, uma dezena deles, que estavam jogando futebol, fugiram de um controlo policial porque alguns deles não tinham documentos (entre estes encontrava-se o terceiro jovem electrocutado, Metin, que estava no processo de ter a situação dele regularizada). Eles nunca estiveram envolvidos em qualquer roubo na área, como alega a versão oficial, mas isso não impediu que estas alegações fossem repetidas pelo Primeiro-ministro Dominique de Villepin na quinta-feira. Já ninguém apoia estas alegações, e mesmo o promotor de Bobigny reconheceu no sábado que se tratou tudo de um simples caso de controlo de identidade. Aliás, os jovens interpelados foram soltos no espaço de uma hora, o que mais prova que a polícia não tinha nada contra eles. Metin, sofrendo de queimaduras graves, “não se lembra de nada” de acordo com a versão oficial... estará este silêncio ligado ao estatuto legal dele?

3 - Todo o género de rumores começaram a circular pelo bairro: Por que está polícia a mentir? O que estão escondendo eles? Os motins rebentaram espontaneamente na Quinta-feira, na Sexta-feira eles foram reforçados pelos “mais velhos”. Os primeiros objectivos foram: os correios (muitos carros foram queimados), o posto de bombeiros (um camião destruído), os abrigos de autocarros, uma escola (deitaram-lhe fogo). Os motins tornaram-se particularmente violentos

a análise dos dados que iam sendo recolhidos.

Segundo o Jornal de Notícias, o processo tem sido efectuado com recurso a meios electrónicos, mas em particular através de equipas de investigação criminal, quer da PSP quer da GNR, que recolhiam informações sobre diversas "tendências" de risco."

A isto ainda se juntou depois uma operação de charme, cuidadosamente propagandeada, junto dessas comunidades no Bairro da Cova da Moura, e os polícias, obrigados a engolir o seu usual racismo primário, foram obrigados a abrir as esquadras às escolas e a passear crianças do bairro (todas de tenra idade, diga-se de passagem, demasiado novas para odiarem já a policia) em carros patrulha para aparecer no telejornal. A mensagem a passar às crianças é simples: Respeita as autoridades e o sistema, mesmo que vivas na miséria e que te tratem abaixo de cão.

Preocupante, preocupante, não é uma eventual revolta dos emigrantes, mas sim uma revolta generalizada da população contra a situação que se vive neste país. Mário Soares, experiente bombeiro social ao serviço da burguesia, escaldado pelo PREC, exprimiu muito bem esse receio, aludindo a "revoltas descontroladas", e eventuais "aventuras militares" que podiam acontecer. A sua candidatura não tem objectivo senão o de empunhar novamente a agulheta, tentando evitar que a sua prole, menos experiente e brincando com fósforos neoliberais, acabe por deitar fogo à casa.

Freitas do Amaral, outra criatura com alergia a conflitos sociais, vai pelo mesmo caminho e di-lo abertamente: "antes era de direita, porque o país estava demasiado à esquerda, agora sou de esquerda porque...". A gente sabe, a gente sabe...porque tem medo que os tempos do PREC voltem.

Para acabar, deixamos aqui o testemunho de alguém que presenciou estes acontecimentos na primeira pessoa: Antoine Germa, professor numa escola de Clichy.

O reforço do antagonismo de classes, com todas as consequências que ele acarreta para a própria estabilidade do sistema, está sempre ligado ao reforço do poder repressivo do principal instrumento de dominação empregue pela classe dominante: o Estado. Não é um facto incontestável que em todas as partes assistimos ao incremento da componente repressiva dos estados capitalistas, e que a expressão "estado policial" está já nas bocas de toda a gente? "Combater o terrorismo", dirão alguns. O tão propalado "combate ao terrorismo" não é mais que a capa ideológica que a classe dominante utiliza para cobrir os seus ataques à liberdade das classes exploradas, servindo-se de medidas que estão muito mais orientadas para reprimir a dissidência interna do que para combater eventuais terroristas vindos de fora, num processo que, aliás, já se tinha iniciado nos anos 80, juntamente com o Reganismo americano e o Thatcherismo Europeu, tudo muito antes do 11 de Setembro.

No último 6 de Outubro, a França assistiu a um conjunto de greves e manifestações envolvendo um milhão de trabalhadores, tanto do sector público como do privado, em protesto contra os despedimentos, os cortes nos salários e a política laboral do governo. O temor por parte da burguesia francesa de que a violência se alastre até abranger o grosso do proletariado francês é bem real, como o demonstra a repressão à greve dos trabalhadores dos transportes de Marselha, ocorrida nestes dias e abafada à pressa e sem cerimonia pelas autoridades, que ameaçaram os trabalhadores com multas na ordem dos 10.000 euros por cada dia que a greve durasse. A central sindical de que dependiam estes trabalhadores, a CGT, controlada pelos comunistas, ao invés de apoiar os trabalhadores, ainda ajudou a abafar a greve. Há muito que defender o *status quo* e manter a sua confortável posição dentro do sistema se tornou mais importante para estes burocratas do que defender os interesses de quem trabalha, interesses esses necessariamente opostos à própria conservação do sistema capitalista.

Após o final da segunda guerra mundial, a França esteve à beira de assistir a uma revolução social (tal como aconteceu na Grécia e na Itália), revolução essa que só foi travada graças à acção da CIA, que não se coibiu de utilizar dinheiros provenientes do tráfico de droga para financiar a reacção, e devido à própria colaboração dos

estalinistas, que teriam inclusive preferido o fascismo a uma revolução capaz de questionar o seu domínio dentro e fora da União Soviética. Tal como haviam de o fazer durante a outra grande crise do capitalismo francês neste século, o Maio de 68, os partidos de esquerda serviram de pára-raios do sistema, canalizando as energias revolucionárias do proletariado para a ratoeira do jogo parlamentar burguês, onde os burocratas almejavam obter posições rendosas dentro da máquina governativa burguesa.

Os países ricos alimentam a ilusão de que podem fazer o que bem entenderem nos países pobres sem que isso acabe de se voltar contra eles. As políticas de ajustamento estrutural que as suas instituições financeiras exigem como contrapartida para emprestar dinheiro ao terceiro mundo, e que incluem sempre a privatização dos serviços públicos, a abertura forçada do mercado interno à concorrência proveniente das poderosas multinacionais, a desvalorização da moeda e a diminuição do défice público, resultam invariavelmente na liquidação da economia tradicional, pondo os camponeses pobres a competir directamente com o *agro-business* generosamente subsidiado dos países ricos, forçando-os finalmente a abandonarem os campos, depois de terem sido completamente arruinados, juntando-se a essa já bastante volumosa mole de infelizes que se amontoam nas cidades procurando trabalho. Outras consequências são o aumento galopante da inflação e na consequente descida a pique dos salários reais dos trabalhadores, as falências em massa, o despedimento de milhares de trabalhadores da função pública de uma assentada, e os cortes brutais na educação e na saúde pública, que se traduzem num assustador aumento do analfabetismo e no número de vítimas das doenças infecto-contagiosas, estando a mortalidade infantil a subir novamente em todo o mundo.

É natural que algumas das inúmeras pessoas que eles fizeram precipitar na miséria não se contentem em ficar sentadas, resignando-se com o seu destino de cabeça baixa, e vão procurar noutros países o que não encontram na sua terra. Essas pessoas vão para as antigas metrópoles dos tempos do colonialismo, o países ricos que conhecem melhor, e onde se fala a sua língua. Assim, os argelinos e os senegaleses vão para a França, da mesma

Portugal é tão desesperante quanto na França?

Foi encomendado ao SIS um relatório sobre a situação nos bairros “problemáticos”, e alguns agentes entretiveram-se mesmo a realizar entrevistas aos habitantes desses bairros, para saber o que lhes andava a passar pela cabeça a esse respeito. Voltaram aliviados: as pessoas que lá viviam consideravam “um disparate” porem-se a queimar carros. Pronto, a classe média pode dormir descansada, que ninguém lhe vai torriscar as carripanas durante a noite. Ufa!

Pelo sim pelo não, e como o seguro já morreu de velho, a bófia não deixou de afiar o cassetete.

Notícia do Indymedia:

“Diversos bairros sociais das regiões de Lisboa e Porto estão a ser alvo de uma vigilância policial reforçada. Os tumultos verificados em França levaram as autoridades policiais portuguesas a concentrar as suas atenções nos bairros portugueses vitimados pelos mesmos problemas: pobreza, desemprego e discriminação social.

Porém, desconfia-se que estas medidas não estão relacionadas com eventuais políticas sociais, que venham a atenuar estas realidades. Pelo contrário, visa-se aumentar o controlo social sobre populações socialmente excluídas, de modo a evitar que algo semelhante aconteça. Mais uma vez, trata-se de combater as consequências e não as causas. Perante as contradições sociais impostas pelos ditames do sistema capitalista, a resposta estatal é unívoca: mais polícia.

As decisões do aumento da vigilância emanaram quer da Direcção Nacional da PSP quer do Comando-Geral da GNR, que chegou inclusive a enviar dois oficiais para França como observadores, que diariamente iam relatando para Portugal o curso dos incidentes e a sua caracterização.

Em Portugal, a situação nas zonas potencialmente “mais difíceis” foi sendo monitorizada no âmbito do Gabinete Coordenador de Segurança, onde diariamente ia sendo medido o nível de risco, através do cruzamento da informação produzida pela PSP, pela GNR e pelo SEF, em particular. O próprio SIS terá igualmente contribuído, não só com a sua própria informação, mas também com

dois grupos não será possível enquanto os trabalhadores continuarem a pensar em actuar dentro do sistema, e não fora dele e em contestação aberta a ele.

Para que os trabalhadores e os jovens dos subúrbios se unam, será necessário que os trabalhadores deixem olhar para os emigrantes e as suas famílias como uma potencial concorrência para um posto de trabalho cada vez mais difícil de encontrar, e passem a encara-los como os seus semelhantes, oprimidos como eles, ou ainda mais do que eles, por uma ordem social podre que tem imperiosamente de ser destruída.

Por mais que os fascistas berrem, o seu berreiro não se vai converter jamais numa solução para o que não pode ser solucionado dentro da lógica do lucro capitalista, lógica essa que eles aliás servem e protegem. Por mais relevo que eles venham a ganhar com esta situação, a sua bancarrota será rápida, quando todos virem que, afinal, o desemprego é o produto de algo mais do que alguns milhares de emigrantes *que vieram aí para roubar o trabalho aos europeus*, e que a solução para o problema tem que ser necessariamente de ser uma coisa muito mais radical do que deportar pessoas vindas de fora, que, afinal têm tanto direito a uma vida confortável como qualquer um de nós e que, como qualquer um de nós, fazem o que está ao seu alcance para consegui-la.

Não tenhamos dúvidas: este cheiro de carros a arder, este cheiro a esturro, pairará ainda durante muito tempo sobre a sociedade francesa, e encherá os narizes dos burgueses, perfeitamente conscientes que estes incêndios, que eles apagarão com facilidade, são só o prelúdio de novos incêndios que se acenderão no futuro, bem mais intensos e difíceis de conter.

O ESTADO PORTUGUÊS AFINA A MÁQUINA REPRESSORA

Em vista dos acontecimentos na França, o estado português não deixou de tomar as suas precauções, temendo que o mesmo se passe por estas bandas. Será porque a situação dos emigrantes em

forma que os angolanos, moçambicanos, cabo-verdianos e brasileiros vão para Portugal.

A esses trabalhadores, mais vulneráveis à exploração, o capital paga os piores salários e oferece as piores condições, sendo por isso frequente que os imigrantes acabem por constituir a classe social mais pobre e mais explorada dos países ricos, apinhando-se em bairros de lata e guetos, sendo alvos de ataques racistas e xenófobos por parte do resto da população, e caindo na criminalidade, quando todas as outras formas de sobrevivência falham.

Os seus filhos já nascem sofrendo isso tudo na pele, mas sofrem-no mais, porque cresceram emersos, como toda a gente nos países ricos, na cultura do consumo e da marca, e não da sociedade devastada de onde vieram os seus pais, sendo confrontados com uma situação que os barra em absoluto de seguir esse género de padrão de existência. A revolta desses jovens que, como a maior parte das pessoas hoje em dia, pouco conhecimento têm das ideias anti-capitalistas, capazes de fornecer uma análise fundamentada e consequente da sua situação e de formas de tentar mudar as coisas, segue muitas vezes o caminho do banditismo, roubando para obter o que todos os outros têm e usam e lhes está vedado por todos os outros meios.

Cerca de 70 por cento dos detidos nas prisões francesas são argelinos ou seus descendentes, mas isto está muito longe de ser o produto da simples criminalidade: a discriminação xenófoba leva a que os argelinos e africanos sejam condenados a penas mais pesadas do que os outros réus pelo mesmo delito, e leva a que eles sejam dados por culpados enquanto que outros envolvidos em situações semelhantes saem ilibados. O racismo também exerce a sua influência sobre os pratos da balança da justiça. Novamente, mantém-se o paralelo entre o que se passa aqui e no outro lado do atlântico. A maior parte da população prisional americana é composta por afro-americanos e latinos, a maior parte da população a viver abaixo do limiar da pobreza.

Confrontados com as belas consequências sociais da sua cupidez, os burgueses chegaram à conclusão de que é melhor fazer entrar os emigrantes nos países ricos na medida em que o capital precisar deles, e pura e simplesmente expulsa-los quando já não fizerem falta. Toda a direita clama por esse género de medidas, e a Directiva Bolkenstein foi recentemente proposta pela Comissão Europeia para a satisfazer.

PROVOCAÇÕES DA POLICIA

Os motins começaram no dia 27 e prolongaram-se pelos dias seguintes mas, com a realização no dia 30 de Outubro de uma marcha silenciosa organizada pela comunidade muçulmana em memória dos dois jovens mortos, a violência parou. As autoridades municipais, as famílias das vítimas, os líderes religiosos, as associações de bairro, todos apelaram para o fim da violência. Foi apresentada uma queixa formal contra a polícia, com o intuito de se esclarecerem definitivamente as circunstâncias que rodearam as mortes dos jovens. A situação aprecia definitivamente pacificada.

Foi então que a polícia deslocou para a zona cerca de quatro centenas de polícias envergando equipamento anti-motim, numa altura em que tudo estava absolutamente calmo. Estávamos no último dia do Ramadão. As pessoas sentiram-se provocadas, e houve confrontação entre os jovens que se foram juntando e a polícia. Os motins recomeçaram, mas com menos intensidade. No dia seguinte, a polícia atacou uma mesquita com granadas de gás lacrimogéneo em plena hora de oração, não se coibindo de insultar e ameaçar os fiéis enquanto eles saíam, ainda meio sufocados pelo gás. A resposta do governo francês para esse ultraje foi negar que a polícia jamais tivesse atacado a mesquita, contradizendo os testemunhos de todas as vítimas que tinham presenciado o ataque.

Foi então que os actos de violência explodiram, destruindo-se edifícios públicos, registando-se confrontos directos entre grupos de

etc., etc....". O problema é justamente que eles nunca hão de ter um trabalho estável e dinheiro suficiente para poder pagar nem carro nem casa. O que para os outros representa um "sacrifício", é impossível de todo para eles, coisa que esses pretensos moralistas parecem ignorar. Porque é que uns hão-de gozar os seus luxos na tranquilidade enquanto que todos os outros sofrem? De qualquer maneira, a chantagem emocional parece ter resultado.

No fim de contas, não aconteceu rigorosamente nada nesse fim-de-semana (espantem-se!), mas deu para exercitar a máquina repressora e habituar as massas a assistirem a esse género de procedimentos.

Compreendamos que a repressão de que o capital necessita para impor a sua vontade não pode ser aplicada de uma vez só, sem que isso cause uma enorme e perigosa contestação. O leque das liberdades democráticas deve ser cortado pouco a pouco, para que seja suprimido com maior eficácia e sem sobressalto de maior. É preciso que se compreenda que o estado de emergência foi declarado, e prolongado posteriormente para três meses, não para lidar com grupos de adolescentes que deitam fogo a carros, mas sim para silenciar a contestação a um governo extremamente impopular.

Os motins entenderam-se por três semanas, extinguindo-se por volta do dia 17 de Novembro. Não foi difícil que se extinguisse esta revolta de jovens do subúrbio, que tinham tão poucos meios ao seu dispor, que as suas acções não foram além da realização de actos aleatórios de vandalismo, sem qualquer organização coesa ou objectivos claros. Os seus actos, despoletados pelo sentimento de ira causado quando dois dos seus encontraram a morte fugindo, como sempre tinham que fugir, do assédio habitual dos repressores habituais, não foram mais do que a forma encontrada por eles de ajustarem contas com uma sociedade racista, opressora e desigual.

Os jovens dos subúrbios estão isolados do outro grande grupo de descontentes, os trabalhadores franceses, e uma união entre estes

relatos da época sobre um grupo de 50 manifestantes argelinos que foram espancados numa esquadra francesa com uma tal brutalidade que alguns deles morreram imediatamente, tendo os outros sido pura e simplesmente atirados ao rio para se afogarem. A polícia secreta de um estado fascista não teria feito melhor. De facto, era justamente assim que a PIDE agia nas colónias portuguesas. Para quem ainda não soubesse, a democracia burguesa mostra mais uma vez o que realmente vale.

Note-se que o Estado francês não achou o Maio de 68, quando uma revolução esteve quase para rebentar, coisa suficientemente grave para declarar o estado de emergência, mas fá-lo agora para reprimir grupos de jovens que podem fazer pouco mais do que atear fogo a carros e fugir. Declara-se uma medida própria de uma situação de guerra para lidar com simples actos de vandalismo feitos por grupos de adolescentes! Ora bem: o uso desta medida foi proposto em primeiro lugar por nem mais nem menos do que a filha de Jean-Marie Le Pen, e corresponde sem dúvida aos desejos da extrema-direita, que pretende hiperbolizar a gravidade desta situação tanto quanto puder para alimentar ao máximo a histeria xenófoba em França.

Com base em alegadas escutas a telemóveis, que prometiam “o maior motim de sempre” para o centro de Paris, o direito de reunião foi suprimido a partir das seis e meia da tarde durante o fim-de-semana em que se comemorava o aniversário da vitória na Primeira Guerra Mundial, considerado “crítico” pelas autoridades. E tudo isto enquanto que os autores dos actos de vandalismo já iam perdendo fôlego de dia para dia!

Houve mesmo grupos de jovens do bairro que se voluntarizaram para ir ter com os que faziam desacatos para convencê-los a parar. Naturalmente que os media não perderam a oportunidade de televisionar a acção desses jovens e de fazer seus os sermões que eles dirigiam aos colegas, gravando-os para depois os repetir em todos os canais *ad nauseam*: “se estivesses a fazer sacrifícios para pagar o carro e a casa no fim do mês, gostavas que te fizessem isso,

jovens e a policia de choque, disparando-se com revolveres e caçadeiras contra os carros-patrolha que passavam no bairro e, sobretudo, queimando-se carros. Os motins espalharam-se de seguida para os outros subúrbios de Paris, atingido de seguida o centro da cidade e propagando-se posteriormente para todo o país. Agora registam-se distúrbios inclusive em outros países, como a Alemanha e a Bélgica. Por detrás das provocações estará o desejo do ministro do interior Sarkozy de utilizar politicamente esta violência para poder implementar uma politica de “lei e ordem”, que justifique uma maior repressão a todos os protestos que os trabalhadores possam levar a cabo no futuro, facilitando uma ainda mais pronunciada viragem à direita nas politicas do governo francês, podendo a burguesia francesa finalmente satisfazer em toda a extensão os seus apetites neoliberais.

O AMBICIOSO SENHOR SARCOZY

Nicolás Sarkozy, ministro do interior e pontífice absoluto de todos os Gendarmes da França, aquele senhor que traduziu em palavras o que sem duvida vai na alma da burguesia francesa ao tratar os jovens amotinados por *racaille*, e ao dizer que ia limpar os subúrbios com uma agulheta, deitando ainda mais lenha para a fogueira, é uma criatura com ambições. Ele pretende candidatar-se à Presidência da República em 2007, cativando para tal a franja mais reaccionária do eleitorado francês com uma politica xenófoba e repressiva a seu gosto. Recorde-se que Jacques Chirac, o actual presidente, teve por adversário nas últimas eleições nem mais nem menos do que o próprio Jean-Marie Le Pen, que assustou meia Europa ao conseguir 16 por cento dos votos. Foi preciso ir à segunda volta para encontrar um vencedor, e foi o pouco encorajador mote de “antes um corrupto que um faxo” que fez de Chirac o actual inquilino do Palácio do Eliseu.

A demagogia xenófoba e racista tem ganho uma audiência significativa na França, e os fascistas da Frente Nacional não perderam tempo para começar a capitalizar com este evento, alimentando o mais possível as paranóias que vão na cabeça dos

seus potenciais eleitores. Recentemente organizaram uma manifestação com cartazes onde se podiam ler “Le Pen tinha avisado”, tentando fazer crer aos pobres de espírito que estes motins são o preludio de uma qualquer guerra racial que vem aí. Certamente que não vai demorar muito para vermos também os fascistas portugueses a usarem isto para proveito próprio, tal como fizeram com o alegado “*arrastão de 500 pretos*” na praia de Carcavelos que afinal, veio a descobrir-se, só aconteceu na delirante imaginação de alguns jornalistas à procura de um “furo” para quebrar a pasmaceira habitual do 10 de Junho, o antigo “Dia da Raça”.

Mas voltemos à vache froide (que é como quem diz, à vaca fria), o Sr. Sarkozy: chegado ao governo em 2002, este senhor, vindo do partido de (extrema?) direita UMP, iniciou imediatamente um conjunto de políticas com vista a diminuir os direitos dos acusados em processos judiciais, aumentar os poderes policiais, criando igualmente unidades especiais de polícia para enviar para as “áreas complicadas” e dissolvendo as unidades da policia de bairro que antes se ocupavam disso. A polícia anti-distúrbios, a CRS, formada por indivíduos que nada deixam a dever aos cabeças-rapadas em termos de brutalidade, gosto pela violência, ignorância, racismo e estupidez, a tropa de choque do estado, que se encarrega sempre da repressão aos bairros pobres dos subúrbios, é o alvo de um ódio profundo entre os seus habitantes. As prisões arbitrárias de jovens, os controlos de identidade aleatórios, como o que esteve na origem destes incidentes, tendo sempre tendo os africanos, argelinos e outras “minorias assinaladas” por alvo, em que as vitimas já estão a ser insultadas e agredidas antes mesmo de poderem mostrar os documentos, são os modos costumeiros destes agentes.

DIFAMAR, SUBORNAR E REPRIMIR

É sempre assim que a burguesia procede quando confrontada com uma revolta. Por um lado reprimem-se os protestos com brutalidade q.b. e, por outro, cede-se um pouco, ou promete-se ceder, para ajudar a acalmar os ânimos e fazer os revoltosos seguir o caminho da menor resistência. Os revoltosos são confrontados com o dilema

Todo o emigrante enfrentará, por estar “envolvido” nos motins, a deportação para o seu país de origem, depois do normal cumprimento da pena a que tenha sido condenado pelas autoridades. Ou seja: será castigado duas vezes pelo mesmo crime! Não importa que esteja legal, ou que já tenha autorização de residência, e não importa há quantos anos esteja a viver na França. A extrema-direita aplaude. Para expulsar os miseráveis, quando o capital já não encontra utilidade para eles, todos os pretextos são bons.

Também assistimos à prisão de alguns autores de sites de Internet sobre os motins e à censura em grande escala de páginas de Internet, especialmente blogs dedicados a esse tema em que os próprios autores dos motins prestavam declarações. Os meios de comunicação burgueses não podiam deixar de se mostrar horrorizados com o conteúdo dessas mensagens. Segundo eles, faziam-se nesses sites inúmeros apelos à violência, não havia quase ninguém que apelasse ao fim dos motins (para quê?) e que se podia inclusive encontrar entre essas mensagens a palavra “revolução”. Que horror!

Ao décimo-segundo dia de motins (8 de Novembro), o Estado Francês declarou o estado de emergência. O estado de emergência permite que os governos locais imponham o recolher obrigatório, que se suspenda o direito à liberdade de reunião, que se imponha a censura nos jornais, se fechem os espaços públicos e permite igualmente à policia proceder a rusgas e buscas sem mandato judicial. Os oficiais locais ganham o direito de colocar quem bem entenderem em prisão domiciliária. O estado de emergência foi posteriormente estendido para os próximos 3 meses.

A legislação usada para reprimir estes filhos e netos de imigrantes argelinos (e não só, porque há muito mais gente além deles a participar nestes motins) data ironicamente dos tempos da guerra colonial na Argélia (1955), quando foi aplicada inúmeras vezes de forma a reprimir as manifestações dos imigrantes argelinos e outros opositores à guerra com a mais brutal violência. Existem inclusive

e ainda os dados da segurança social, dos estrangeiros e fronteiras e dos censos realizados periodicamente. Eles já sabiam há muito tempo o que se estava a passar, escolhendo deliberadamente ignorar o problema.

A razão para isso é muito simples: a função dos políticos é a de servir a classe burguesa e zelar pelo bom funcionamento do sistema capitalista, coisa que se entende como a continua acumulação de lucros por um clique já por si extremamente rica. Faz parte desse papel atacar os trabalhadores para os tornar mais fracos perante os patrões, e cortar na despesa social do estado para empregar esses fundos em coisas que rendam dinheiro aos capitalistas.

Os problemas dos pobres não são coisa que lhes importe particularmente, estando a sua resolução dependente da capacidade do capital de tirar lucros a partir disso. Em vez de falarem em acabar com a pobreza, coisa vista por todos como uma autentica utopia num mundo onde existe riqueza material como jamais se viu em toda a história da humanidade, os políticos falam de “criar empregos” - de baixos salários e curta duração, como convém ao capital - sempre que confrontados com o problema da miséria crescente nas nossas sociedades. Os pobres devem arranjar trabalho para deixarem de ser pobres, dizem os políticos, uma forma velada de lhes lançar o eterno apodo de preguiçosos, ilibando um sistema social que já deu à partida a pobreza a uns e a riqueza a outros.

Passemos à repressão: mais de 2300 agentes da polícia de choque foram mobilizados, aos que se juntaram mais 8 mil polícias já no terreno, tendo o primeiro-ministro Villepin convocado ainda mais 1500 polícias na reserva para se juntarem a estes. À lá Orwell, 7 helicópteros foram mobilizados para gravarem a partir do ar imagens dos distúrbios para que posteriormente se pudessem identificar os autores. Pelo dia 14 de Novembro já tinham sido presas um total de 2440 pessoas, 558 das quais já tinham sido inclusive condenadas a penas de prisão. O estado, muito calejado nas artes de vigiar e punir, não se esqueceu sequer de mandar reforçar o número de juizes para o efeito.

de parar a luta e ganhar qualquer coisa, ou continua-la e sentir toda a força da violência estatal Confrontados com poucos meios ao seu dispor e uma falta de objectivos claros e bem definidos, escolhem parar. Quando o tempo enterrar os protestos e fizer desmobilizar os revoltosos, então pode-se novamente tirar-lhes aquilo em que se teve de ceder anteriormente.

Já se chamou de tudo aos revoltados! Já se falou em provocações do fundamentalismo islâmico, e isto quando todos os líderes religiosos muçulmanos estão a apelar para o fim da violência. E como se os grupos de adolescentes por detrás dos distúrbios fossem todos muçulmanos praticantes que vão à mesquita rezar cinco vezes ao dia de testa no chão! Muitos deles ligam tanto à mesquita quanto a maioria dos filhos dos católicos ligam à catequese. Como já ninguém engole seriamente essa história, a nova versão é de que por detrás disto tudo estarão grupos de bandidos e o sub mundo do crime. Que interesse têm ou podem ter os criminosos em instigar os putos para incendiar carros e causar desacatos, coisa que não lhes faz ganhar um chavo e levará necessariamente a um reforço do patrulhamento policial, perturbando-lhes bastante a vidinha quotidiana? Porque são bandidos, e os bandidos são maus e fazem coisas más? Será este o raciocínio infantilizante por detrás desta versão da história? Porque não ser sincero pelo menos uma vez na vida e dizer a verdade sem rodeios? O que está por detrás de tudo isto é nem mais nem menos do uma geração de excluídos, privada de tudo aquilo que vê os outros terem com facilidade, que se revolta contra uma sociedade que os discrimina, oprime e trata como lixo!

Quando confrontadas com a morte dos dois jovens, as autoridades começaram por dizer que eles eram ladrões que a policia perseguia, para se descobrir que se tratou pura e simplesmente de uma banalíssima situação do rotineiro assedio policial que a policia francesa leva a cabo sobre os emigrantes e suas famílias. Quando se provou que os jovens não tinham feito nada, excepto fugirem de levar um provável par de golpes de bastonadas, as autoridades mudaram de versão: a polícia não tinha perseguido o grupo, eles fugiram para um lugar perigoso, e isso quando estavam perto das suas casas, por qualquer razão inexplicável, mas uma vez mais descobriu-se-lhes a careca. Os jovens foram de facto perseguidos

pela polícia, que depois não os socorreu quando três deles foram electrocutados. Esses polícias estão agora no banco dos réus por terem negado socorro às vítimas.

O ataque com gás à mesquita foi igualmente alvo de deturpações. Começaram por dizer que a polícia não teve nada a ver com aquilo, que o modelo das granadas usadas contra a mesquita não era igual ao que a polícia usa, e que aquilo devia ser obra de qualquer grupo de extrema-direita (versão muito popular entre os media), mas depois deram o dito por não dito, e o modelo das granadas sempre era igual ao da polícia mas “não faziam a mínima ideia” sobre quem as tinha lançado. Pois...

No rescaldo de tudo isto, os senhores governantes ainda tinham que nos brindar com mais esta pérola: segundo declarações prestadas por esses senhores, a pobreza dos argelinos seria o produto, não de uma taxa de desemprego de 50 por cento, não da exclusão social que lhes nega trabalho, mas sim da...poligamia. Poligamia! Um harém! Em plena França! Eles seriam pobres porque cada argelino tinha que sustentar sozinho uma autentica ranchada de mulheres e de filhos. Mesmo na teocracia islâmica mais reaccionária, a poligamia é uma coisa rara, apanágio dos ricos e poderosos, que em sempre podem encontrar em todas as latitudes maneira de satisfazer os apetites mais sórdidos, com ou sem a bênção oficial da charlatanice religiosa em vigor. Isto é jogar com os preconceitos das pessoas sobre os muçulmanos.

Depois de ter desprezado aquelas pessoas durante trinta anos, a burguesia vem agora aflita propor toda uma panóplia de medidas sociais para acalmar os ânimos. Há aqui lições para serem aprendidas por todos os trabalhadores: a burguesia nada cede excepto quando se sente ameaçada. Foi por meio da organização sindical, então clandestina e perseguida pelo estado como se de uma traição se tratasse, das greves selvagens que chegavam a prolongar-se por meses, da sabotagem, dos motins violentos, dos recontros sangrentos com a polícia e o exercito, dos operários martirizados pela repressão, que os trabalhadores conseguiram

arrancar à burguesia tudo aquilo que jamais lograram obter para si.

Os partidos de esquerda não tiveram outro papel no meio dessas lutas dos trabalhadores, se não o de refreá-los, embaraçá-los e tolher-lhes o caminho de todas as maneiras possíveis. O mérito de todas as conquistas que os trabalhadores lograram obter dentro do sistema não se deve nem a uma qualquer liberalidade e humanidade intrínseca do mesmo sistema nem ao trabalho de uma qualquer figura da política, mas sim aos próprios trabalhadores e à sua resistência colectiva e, por vezes, violenta. Se os trabalhadores não quiserem voltar a ter que viver nas condições que eram relatadas no Capital e nas novelas de Dickens, então devem jogar a legalidade burguesa dos partidos e dos sindicatos amarelos no balde do lixo, e lutar contra o capital com unhas e dentes, tanto aqui, como no terceiro mundo. Um elo mais fraco na cadeia da resistência dos operários do mundo contra o capital, representa necessariamente a derrota de todos!

Querendo acalmar os ânimos, fizeram-se inúmeras promessas de criação de emprego, a típica mezinha social-democrata para todos os males, mas ainda não nos explicaram por meio de que encantamentos pode o Estado criar *ex nihilo* empregos duradouros para várias centenas de milhar de pessoas. Desencantou-se igualmente, das profundezas insondáveis do esquecimento oficial para com gente que não vota, um plano de requalificação urbana para os subúrbios que já estava na gaveta a ganhar bolor há trinta anos, e prometeu-se ainda reverter os cortes que os programas de habitação social tinham sofrido só neste ano. E dizia uma jornalista que nos bairros sociais franceses vive-se tão bem como nos melhores bairros de Lisboa! Que faça o que nunca fez, e dê uma voltinha por lá, para confirmar as suas opiniões pré-fabricadas....

Razão tinha um dos protagonistas destes motins quando disse a um repórter: “Não há maneira de lhes chamar a atenção. A única maneira de comunicar com eles é incendiando.” (citado no jornal Público de 8 de Novembro). Só que ele enganou-se numa coisa: o que está aqui em causa não é um problema de comunicação. Os políticos têm em cima dos seus gabinetes pilhas de estudos elaborados ao longo dos anos por sociólogos, economistas, polícias